

CENÁRIO-2: ATIVOS TÊM SEMANA NEGATIVA COM INCERTEZAS FISCAIS E EXTERNAS

O dia foi de cautela, tanto aqui quanto no exterior, ainda que a Bolsa tenha conseguido sustentar pequena recuperação, puxada por resultados corporativos. Nos demais ativos domésticos, especialmente no câmbio, prevaleceu o clima de desconfiança em relação ao compromisso do governo com a política fiscal, depois que o presidente Jair Bolsonaro admitiu, na noite de ontem, que há discussões dentro do governo para furar o teto de gastos e destinar recursos para obras. Hoje, em sua conta no Facebook, o presidente voltou a dizer que seu governo está comprometido com a responsabilidade fiscal e, para variar, culpou a imprensa por noticiar a possibilidade de furo do teto. Mas os investidores se mostraram céticos em relação ao recuo do recuo de Bolsonaro, uma vez que na quarta-feira ele já havia dito que o governo respeitaria o teto, passou outra ideia na sua Live e voltou ao discurso anterior hoje. Não por acaso, o real foi a moeda com o pior comportamento nesta sexta-feira e carrega esse título também no acumulado do ano. Hoje, o dólar à vista no balcão subiu 1,10%, a R\$ 5,4268, elevando o avanço em 2020 para 35,27%. Os juros futuros terminaram de lado, com um pequeno viés de alta em uma semana de forte acúmulo de prêmios, justamente devido às tensões na área fiscal. Os investidores temem pela saída de Paulo Guedes, em meio à debandada da equipe econômica, e pela manutenção da agenda liberal. Dividida entre este quadro de cautela e resultados corporativos positivos, sobretudo de grandes exportadores como Suzano e JBS, o Ibovespa interrompeu uma sequência de três perdas e terminou a sexta-feira com avanço de 0,89%, aos 101.353,45 pontos. Na semana, contudo, o placar foi negativo: baixa de 1,38%. Um outro limitador para o apetite por risco na bolsa veio dos Estados Unidos. Por lá, os principais índices terminaram de lado, com os agentes de olho nas negociações por mais estímulos entre democratas e republicanos, que seguiram travadas. Além disso, em meio aos temores com o aumento de casos de covid, agora também na Europa, o presidente do Fed de Minneapolis, Neel Kashkari, suscitou ainda mais cautela ao afirmar que os EUA precisariam de uma nova quarentena para controlar o vírus.

CÂMBIO

Em uma semana de muito ruído, com um vaivém de declarações ambíguas de integrantes do governo a respeito do controle das contas públicas, o dólar manteve-se na marca superior dos R\$ 5,40, na média, evidenciando a postura defensiva dos investidores. A divisa americana encerrou a sexta-feira em alta de 1,10%, a R\$ 5,4268, no mercado à vista. No acumulado semanal houve ganho de 0,23%, levando a alta para 4,02% neste oitavo mês do ano. Mais uma vez, o desempenho do real foi desparelhado das moedas de seus pares emergentes, que mostraram fortalecimento ante o dólar.

"O mercado não quer mais ter mais palavras, quer ver alguma coisa de compromisso com o fiscal. E isso significa ver aprovações ou, de fato, o fim de qualquer especulação sobre os cuidados com as contas públicas. Precisa de menos palavras e mais ações", ressalta José Faria Junior, diretor da Wagner Investimentos.

Ele lembra que as moedas de emergentes exportadores de commodities, na média, estão reagindo em relação ao desempenho visto até junho. "Enquanto isso, o real está com péssima performance de um país com rating ruim, taxa baixa de juros e todo esse ruído sobre o fiscal. Não era o padrão do Brasil ficar descolado das moedas pares."

O diretor da Wagner Investimentos avalia que as declarações do presidente Jair Bolsonaro ontem à noite em transmissão feita pelas redes sociais sobre não ver problemas em debater se fura ou não o teto de gastos foram endereçadas ao seu eleitorado. Mas, afirma, na dúvida, o mercado colocou no preço. "Até que a votação do Orçamento seja encaminhada, o dólar pode

ficar um pouco complicado. Algo como no nível dos R\$ 5,45. Mas, se por ventura, houve um mal-estar externo e seguirmos nessas especulações ainda, não descarto romper isso".

Marcos De Callis, estrategista da Hieron Patrimônio Familiar e Investimento, diz que o mercado está passando por um período de insegurança uma vez que há muitos balões de ensaio saindo, entre eles, uma eventual saída do ministro da Economia, Paulo Guedes. Mas, na sua avaliação, há fortes indicativos de que é baixíssima probabilidade de isso acontecer. "Não faz sentido o Guedes pedir para sair enquanto o governo mostrar que está comungando com o cumprimento das metas. Guedes está muito mais flexível com sua postura liberal, mais sensível às demandas do presidente. Passou a entender que, de fato, para praticar política econômica há restrição política. Não estou trabalhando com esse cenário, talvez Bolsonaro possa ficar mais ambíguo com Guedes. Se Bolsonaro partir para renovar o decreto de calamidade pública, aí, sim, pode ter um problema, porque é licença para gastar sem trava."

Junior lembra ainda que os leilões de contratos de swap para a rolagem feitos pelo Banco Central voltam na segunda-feira e isso pode ajudar um pouco na menor volatilidade do mercado.

Tanto Junior quanto De Callis afirmam que está barato apostar contra o real porque, com a taxa básica de juros a 2%, é possível pagar menos que a inflação do período. "O dólar está com um comportamento curioso. Estava sendo usado como hedge e, de dias para cá, a correlação negativa com a Bolsa praticamente zerou. Pegou uma dinâmica própria e deve haver fluxos também nesse contexto, seja de portfólio, ajuste de posição de bancos e de exportadores", afirmou o estrategista.

Para De Callis, a única coisa hoje que está andando na mesma direção do dólar é o Credit Default Swap (CDS). Às 16h44, o CDS de cinco anos do Brasil, termômetro do risco-País, oscilava nos 227 pontos, acima dos 222 pontos no fechamento de ontem, de acordo com cotações da IHS Markit. (Simone Cavalcanti)